

# Jornal Nacional e violência contra a mulher: como as notícias contribuem na formação de opinião dos jovens

Jornal Nacional and violence against women: how the news  
contribute to the formation of opinion of young people

Suzane Gobbi<sup>1</sup>  
Lirian Sifuentes<sup>2</sup>

## RESUMO

Tendo como base a teoria das multimedicações, este estudo de recepção tem como objetivo principal analisar a maneira como informações ligadas à violência doméstica contra mulheres divulgadas no *Jornal Nacional*, telejornal veiculado no horário nobre da Rede Globo de Televisão, são apreendidas por jovens do Ensino Médio, considerando também outras mediações – amigos, família e escola – às quais estão expostos. Dez alunos de Ensino Médio fazem parte da amostra qualitativa da pesquisa de campo. Por meio de entrevistas, concluiu-se que a mediação da família é a que mais pesa na avaliação do tema e na postura dos jovens diante do assunto. O aspecto que mais chama atenção é que o *Jornal Nacional* serve como instigador, já que a maioria dos jovens revela que os debates sobre violência contra mulher em casa e em outros espaços se iniciam quando há divulgação de matérias relacionadas ao tema.

**Palavras-chave:** recepção, jovens, *Jornal Nacional*, violência doméstica contra a mulher.

## ABSTRACT

Based on the theory of the multimediations, this reception study has a main objective of analyzing how the information linked to domestic violence against woman disclosed by *Jornal Nacional*, newscast aired on prime time TV Globo, are seized by young high school students, considering too other mediations – friends, family and school – to which they are exposed. Ten high school students are the sample of qualitative field research. Through interviews, it was concluded that family mediation is the most important consideration in evaluating the subject and the attitude of young people on the topic. The aspect that stands out is that the *Jornal Nacional* serves as an instigator, since most young people reveals that the debate on violence against women at home and in other spaces begin when there is disclosure of reports related to the topic.

**Keywords:** reception, young people, *Jornal Nacional*, domestic violence against women.

---

<sup>1</sup> Unochapecó. Av. Senador Atilio Fontana, 591-E, Bairro Efapi, 89809-000, Cx.p. 1141, Chapecó, SC, Brasil. E-mail: sugobbi@gmail.com

<sup>2</sup> PUCRS. Av. Ipiranga, 6681, Bairro Partenon, 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br

## Introdução

Este estudo de recepção pretende investigar, de maneira exploratória, como se dá a apropriação por jovens de notícias sobre violência doméstica contra a mulher veiculadas no *Jornal Nacional (JN)*, da TV Globo. Busca-se compreender como as informações sobre a temática colaboram para a formação da opinião e da postura dos estudantes pesquisados, considerando também mediações como família e escola.

Por meio do modelo das multimedializações, de Guillermo Orozco (1994) – que considera na recepção não apenas a mediação dos meios de comunicação, mas também o contexto em que o receptor está inserido –, o estudo pretende saber de que forma o conteúdo relativo ao assunto é apreendido por quem consome essas informações e, principalmente, como ele é resignificado nos diferentes grupos e espaços dos quais os jovens participam e com os quais interagem, antes de dar à informação o seu sentido final.

A investigação empírica foi desenvolvida por meio de entrevistas em profundidade<sup>3</sup> com dez jovens das três séries do Ensino Médio, com idades entre 14 e 17 anos, estudantes do Colégio Estadual Professora Geni Comel, localizado no Bairro Bela Vista, em Chapecó, Santa Catarina. Uma segunda etapa da pesquisa de campo foi realizada por meio da apresentação de dois vídeos do *JN* sobre violência contra a mulher a quatro dos alunos anteriormente entrevistados. Após a exibição, foi realizada entrevista com os mesmos alunos sobre os vídeos e suas percepções a respeito do conteúdo apresentado.

Para saber de que maneira o *Jornal Nacional* aborda o assunto violência doméstica contra a mulher, três vídeos apresentados no telejornal foram analisados. Dois falam a respeito de pesquisas sobre a violência contra mulheres e o terceiro relata um caso ocorrido no interior de São Paulo. Em todos os vídeos, percebe-se certa preocupação com a situação das mulheres agredidas e com a violência contra mulheres no país.

## Os estudos de recepção: campo em consolidação

Estudar a recepção midiática implica necessariamente uma preocupação com a maneira como o receptor

se apropria das mensagens emitidas pelos meios de comunicação. Desde os que consideravam uma postura passiva dos receptores no início do século XX aos que o veem como um “ressignificador” das informações recebidas, o foco das pesquisas vem se alterando e se voltando cada vez mais às leituras do receptor.

A partir da década de 1980, os pesquisadores da recepção passaram a considerar o receptor como produtor de sentido, e não mais como um ser passivo diante das informações transmitidas pelos meios de comunicação. Duas das principais tradições na área, destacadas por Klaus Jensen e Karl Rosegren (*in* Grohmann, 2009), são os estudos culturais e a análise da recepção.

Os estudos culturais consideram a comunicação de massa como parte da vida diária das pessoas. Advogam que as pesquisas não foquem apenas nos meios, mas analisem os processos de produção, circulação e consumo das mensagens, ou seja, as relações entre textos, grupos sociais e contextos.

A partir do desenvolvimento dos estudos culturais, na década de 1950, por Richard Hoggart, Edward Thompson e Raymond Williams, em Birmingham, começou-se a pensar nas relações entre a cultura popular e os meios de comunicação. De acordo com Jacks (1996), posteriormente, seguindo a mesma vertente, Stuart Hall (2003), em seu texto *Codificação/Decodificação*, tomou o processo de comunicação como dividido em distintos momentos, inter-relacionados: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução, que podem ser consideradas como de codificação e de decodificação (codificada pelos meios de comunicação, decodificada pela audiência).

Além disso, Hall ressaltou a centralidade da teoria hegemônica de Gramsci, que credita a instituições como escola e igreja a manutenção da hegemonia do poder das classes dominantes sobre as populares, afirmando que a recepção pode ser dominante, quando o sentido é absorvido pelo receptor tal qual é emitido; opositiva, quando não é aceito ou negado pelo receptor; ou negociada, que se dá quando o sentido dado pelo emissor entra em discussão com as experiências pessoais do receptor.

Já a análise de recepção, segundo Jensen e Rosegren (*in* Jacks e Escosteguy, 2005, p. 42), pode ser definida como “análise da audiência – com – análise de conteúdo”, o que tem dupla natureza, qualitativa e empírica, pois considera tanto a mensagem quanto a maneira como ela é recebida pela audiência. Essa fórmula baseia-se na comparação

<sup>3</sup> As entrevistas sucederam a aplicação de questionário com 20 alunos. Desses, 13 foram selecionados para a entrevista e, posteriormente, escolhidos para análise os dez que responderam às questões de maneira mais clara e espontânea.

entre o discurso do meio de comunicação e o da audiência, verificando, por meio da análise dos dois, de que maneira um assunto em particular é assimilado por determinado grupo de pessoas.

Integrante da primeira geração de estudiosos formados no Centre for Contemporary Cultural Studies, David Morley é uma das principais referências, há três décadas, na pesquisa sobre a audiência. Sua pesquisa inaugural acerca da temática versou sobre a audiência de *Nationwide*. “The Nationwide Audience representa a primeira investigação empírica da audiência realizada nos marcos dos estudos culturais ingleses” (Gomes, 2004, p. 176). Antes disso, o foco dos estudos desenvolvidos no Centre for Contemporary Cultural Studies era a mensagem. A investigação de Morley, diferentemente, interessou-se pelos receptores, não aqueles imaginados e compreendidos a partir do texto, mas os de “carne e osso”. Por sua abordagem diferenciada, é “considerado o primeiro investigador dos Estudos Culturais a analisar os processos da cultura e da comunicação em seus cenários sociais e materiais concretos” (Gomes, 2004, p. 176), servindo de inspiração a muitas pesquisas posteriores. Desse modo, deixa de lado a concepção de audiência como “massa indiferenciada de indivíduos” para pensá-la como “uma complexa configuração de subculturas e subgrupos superpostos, nos quais se situam os indivíduos” (Morley, 1996, p. 128).

Na América Latina, de acordo com Jacks (1996), cinco principais correntes de estudos de recepção foram desenvolvidas, a partir da teoria hegemônica de Gramsci e dos estudos culturais. São elas: Frentes Culturais, desenvolvida sob a coordenação de Jorge González, no México; Recepção Ativa, sob a coordenação de Valério Fuenzalida e Maria Elena Hermosilla, no Chile; Consumo Cultural, de Nestor García Canclini; Uso Social dos Meios, de Jesús Martín Barbero; e Enfoque Integral da Audiência<sup>4</sup> (Teoria das Multimídiações), do mexicano Guillermo Orozco.

No Brasil, as primeiras pesquisas de recepção, desenvolvidas nos anos 1950 e 1960, eram essencialmente mercadológicas, realizadas no momento em que o rádio se consolidou como principal meio de comunicação de massa e quando surgiram os primeiros canais de TV. A grande preocupação se dava com os interesses comerciais dos meios e dos anunciantes, e, por isso, a maioria eram pesquisas de audiência que usavam métodos quantitativos e tratavam o indivíduo como consumidor, meramente (Jacks e Escosteguy, 2005).

Com o surgimento de cursos de pós-graduação nas universidades do país, a recepção começa a ser objeto de estudo no meio acadêmico na década de 1970 – porém, apenas por outras áreas que não a da Comunicação. Já nos anos 1980, as pesquisas realizadas no Brasil caracterizam-se por serem, de acordo com Lopes (*in* Jacks e Escosteguy, 2005, p. 86-87), dualistas: ou acreditavam piamente na capacidade de “reelaboração/resistência/refuncionalização” dos conteúdos por parte das classes populares; ou afirmavam que esses conteúdos eram formados exclusivamente pela ideologia das classes dominantes, usando os meios de comunicação de massa para exercer sua influência sobre as classes populares.

Como parte do desenvolvimento dos estudos de recepção no Brasil, na década de 1990, foram criados dois fóruns de debate, um deles fundado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, que criou congressos anuais de comunicação e um grupo de trabalho chamado “comunicação e recepção”. O outro fórum foi criado pela Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, com o grupo “televisão e audiência”, que depois mudou de nome para “mídia e recepção”.

Também a partir dos anos 1990, os latino-americanos começam a aparecer nos referenciais de pesquisas brasileiras, que passam a ser fortemente influenciadas pela teoria das mediações, conceito que veremos a seguir.

### *Mediações e o enfoque integral da audiência*

O mexicano Guillermo Orozco (1994), baseado nos conceitos de Martín-Barbero, desenvolveu a teoria das multimídiações com a intenção de analisar a recepção de produtos midiáticos, especialmente televisivos, considerando as inúmeras possibilidades de sentido e interpretações dadas pelos receptores às mensagens, de acordo com as influências que esses recebem.

Na teoria das multimídiações, considera-se que a recepção não é apenas o momento em que o receptor assiste a um determinado programa e recebe, por meio dele, alguma informação; a recepção funde-se com as práticas cotidianas, é a interação que se dá em um cenário sociocultural. Por esse motivo, Orozco (1994) lista as

<sup>4</sup> Receberá destaque no próximo item deste texto.

principais mediações entre as mensagens emitidas pelos meios (que também são uma mediação – entre o fato social e a audiência) e o receptor. São elas: a mediação individual (cognoscitiva e estrutural); a situacional; as institucionais; a videotecnológica; e a mediação cultural.

A mediação *individual* engloba as mediações *estruturais*, compostas por características como sexo, idade, escolaridade e condição socioeconômica, e as mediações *cognitivas*, basicamente compostas pela racionalidade somada às estruturas emocional e moral do indivíduo (processo lógico, crenças, valores etc.). Segundo Jacks (1999, p. 53), a mediação cognitiva se apoia nos conceitos de “roteiros mentais” (conceito de K. Durkin), de “esquemas mentais” (desenvolvido pela Psicologia do Conhecimento) e de “repertórios” (desenvolvido pela Sociologia do Conhecimento).

“Roteiros mentais” podem ser entendidos como uma fórmula de o que dizer e de como agir diante de determinada situação; os “esquemas mentais” são “a estrutura mental para o indivíduo atuar no processo de aprendizagem” (Jacks, p. 53) e os “repertórios” são códigos, significados, que contribuem para a interpretação do receptor, o contexto cultural do qual ele faz parte. Ou seja, os três fazem parte do esquema de compreensão, assimilação e reprodução da mensagem recebida, da seguinte forma:

*Enquanto o “roteiro” centra-se na atuação do sujeito, os “esquemas” enfatizam o processamento de informação e a estrutura pela qual ela é processada, e os “repertórios” enfatizam a interpretação dos significados. (Jacks, 1999, p. 53)*

Além dessas, há a mediação *situacional*, que nada mais é do que a situação em que o indivíduo está envolvido no momento em que a informação é transmitida: se está sozinho ou acompanhado, se dá atenção exclusiva à TV ou faz outras atividades ao mesmo tempo, se discute o assunto com outros receptores ou não, entre outros.

Orozco considera ainda a mediação *institucional*, que diz respeito às instituições das quais o receptor participa: igreja, escola, família, partido político, etc. Todas essas possuem valores e interpretações diferentes para

determinados assuntos, orientando e influenciando quem delas participa a ter um posicionamento parecido com o que acredita.

A mediação *cultural* foi pouco desenvolvida nas teses de Orozco, mas é considerada por ele como a mediação que engloba todas as demais. “É o terreno no qual todas as informações se originam, onde o consumo se efetiva e o sentido é produzido” (Jacks, 1999, p. 57). É por meio dela que o sujeito e as mediações que interferem na recepção são contextualizados.

As mediações a que o indivíduo está exposto se manifestam por meio de seu discurso e de suas ações e interferem diretamente na maneira como cada membro da audiência se apropria e interpreta o discurso dos meios de comunicação. Por mais que haja uma intenção, implícita ou explícita, na mensagem emitida, o sentido é dado pelo receptor, dependendo das suas referências e experiências de vida.

## Jornal Nacional e violência contra a mulher

Apresentada por Hilton Gomes e Cid Moreira, a primeira edição do *Jornal Nacional* foi ao ar em 1º de setembro de 1969, sendo o primeiro programa a ser transmitido em rede nacional. Inaugurou um estilo *hard news*, em que os fatos são relatados sem muita contextualização: tratados “hoje”, pressupondo que o “ontem” do assunto foi acompanhado pelos telespectadores no dia anterior. Em pouco tempo, o jornal alcançou altos níveis de audiência, tornando-se o noticiário mais visto do país (Lins da Silva, 1985).

Características de três matérias<sup>5</sup> sobre violência contra a mulher são apresentadas aqui para conhecer a maneira como o *Jornal Nacional* trata o tema. Um dos vídeos foi veiculado em 14 de abril de 2009, e teve apenas 30 segundos. Trata-se de uma nota, na qual a apresentadora Fátima Bernardes cita os resultados de uma pesquisa realizada pelo Ibope em parceria com o Instituto Avon. Com o auxílio de um gráfico, Fátima divulga os números

<sup>5</sup> O principal critério de seleção desses vídeos foi a possibilidade de acesso a eles. Como havia a necessidade de apresentá-los aos jovens, foi preciso baixá-los da internet. Alguns vídeos apresentados no telejornal recentemente estavam disponíveis no site do *Jornal Nacional* apenas para assinantes da *Globo.com*. Por esse motivo, foram buscadas matérias no site *Youtube*, no qual as mais atuais abordando o tema eram do ano de 2009, que foram selecionadas para esta pesquisa. O terceiro vídeo escolhido, apresentado este ano no *JN*, foi selecionado para que se tivesse uma referência mais atual da abordagem do tema, não tendo sido apresentado aos alunos.

que, segundo a apresentadora, explicam por que “a violência contra mulheres é um vexame nacional tão difícil de ser reduzido”. A pesquisa aponta que 30% das pessoas que tomam conhecimento de casos de violência doméstica nada fazem para ajudar as vítimas; 56% afirmam que não confiam na proteção policial e da justiça nesses casos. Entretanto, 78% dizem que a delegacia da mulher é o local mais indicado para buscar ajuda.

Outra matéria, exibida em 30 de julho de 2009, versa sobre as constatações de uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) a respeito das consequências que a violência doméstica pode causar nas vítimas. No total, o vídeo tem 6:06 minutos e apresenta, além dos dados da pesquisa, entrevistas com duas vítimas, com uma das pesquisadoras da Unifesp e com um psiquiatra. A reportagem é complementada por uma entrevista, ao vivo no estúdio, com a defensora pública Thaís Nader, que coordenava o “Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher” da cidade de São Paulo.

Na reportagem, feita por Elaine Bast, ao falar do primeiro exemplo, a repórter cita que a vítima afirma que “só teve paz quando ele morreu, há cinco anos, mas as sequelas ficaram”. Em uma passagem, Elaine explica que pesquisadores chegaram à conclusão de que a “violência doméstica não deixa apenas marcas físicas nas mulheres. As agressões constantes também trazem danos cerebrais que dificultam até mesmo a reação aos abusos que elas sofrem dentro de casa”.

A matéria também apresenta um gráfico com alguns números resultantes da pesquisa: 82% das entrevistadas eram ameaçadas de morte pelo marido e 88% não conseguiam reagir durante as agressões devido ao medo. Esse é o gancho para a introdução da segunda vítima apresentada na reportagem, que afirma que não conseguia se defender enquanto o marido a espancava.

A repórter também aponta que, segundo a pesquisa, a memória e a percepção de realidade das mulheres é afetada pelas agressões constantes. A pesquisadora entrevistada ressalta que a pessoa apaga as memórias como mecanismo de sobrevivência.

Outro gráfico aponta que 89% das mulheres entrevistadas tiveram depressão e 94% apresentaram ansiedade pelo trauma das agressões. Após a apresentação desses dados, o psiquiatra entrevistado destaca a importância do tratamento e do apoio da família às mulheres agredidas.

Depois da exibição da matéria, os apresentadores Fátima Bernardes e Willian Bonner entrevistam ao vivo, em pouco mais de três minutos, a defensora pública

de São Paulo, que responde questões sobre a estrutura pública de atendimento às vítimas e a importância da denúncia nesses casos. A entrevistada também fala sobre a grande importância da divulgação da lei e dos direitos da mulher, ressaltando que a discussão do tema em espaços como a escola é extremamente importante para que o pensamento machista seja modificado e a sociedade entenda que a mulher não deve ser submetida a nenhum tipo de agressão. Por fim, a defensora esclarece sobre as punições previstas em lei. Encerrando a matéria, os apresentadores do telejornal divulgam o número da Central de Atendimento à Mulher, ressaltando que denúncias de todo o país podem ser feitas pelo telefone 180.

O terceiro vídeo, exibido no dia 29 de maio de 2011, apresentou um caso ocorrido no interior de São Paulo, no qual uma mulher era mantida em cativeiro pelo marido há oito anos. A matéria mostrou imagens da casa onde ela e os quatro filhos – um com apenas quatro meses – viviam trancados.

Segundo a repórter, as vítimas viviam em péssimas condições de higiene e passavam fome, já que o agressor não fornecia alimento à família. O bebê, por vezes, era alimentado apenas com uma mistura de água e açúcar. As duas filhas maiores, de seis e oito anos, somente tinham autorização para sair de casa quando iam à escola.

Também conforme a reportagem, a mulher e as crianças eram agredidas fisicamente e constantemente ameaçadas pelo agressor e, por isso, as meninas não tinham coragem de denunciá-lo quando saíam de casa para ir à escola. O martírio da família só teve fim porque o agressor foi preso por furto e receptação e o caso veio a público durante as investigações. O vídeo tem duração de 1:42 minutos e apresenta entrevistas com o delegado responsável pela investigação do caso e com uma representante do Conselho Tutelar do município.

Desse modo, percebemos que a violência contra a mulher é tratada, no *Jornal Nacional*, de uma maneira que demonstra preocupação com o tema e, ao mesmo tempo, busca apresentar soluções para esse que é considerado pelo programa como um problema em todo o Brasil. A divulgação de pesquisas, dados e histórias de mulheres revelam que o telejornal pretende alertar a sociedade também sobre as possíveis consequências da violência doméstica para as vítimas. Além disso, em alguns momentos, o *JN* ressalta a importância de denunciar os agressores e as aplicações da Lei Maria da Penha, o que demonstra incentivo para que mulheres agredidas busquem a estrutura pública de proteção disponível.

## A recepção

Por meio das duas etapas de entrevistas realizadas com os estudantes, pode-se avaliar seu consumo midiático e a maneira como costumam acompanhar notícias. Além disso, como e quando há discussão com os grupos com os quais convivem a respeito da violência de gênero e a opinião de cada um dos participantes desses debates também foi revelada.

### *O consumo midiático*

Os entrevistados relacionam-se de formas diferentes com as mídias às quais têm acesso. Metade deles costuma ler notícias na internet; seis costumam ler entre dois e cinco livros por ano; dois não têm o costume de ler; duas jovens dizem ler 30 e 50 livros por ano. Quatro deles costumam ler jornal impresso; três ouvem notícias no rádio; e somente uma lê revistas. Todos os entrevistados assistem à TV diariamente, sendo que a média de tempo de assistência é de três horas diárias, e os jovens costumam assistir acompanhados da família, geralmente discutindo com os pais e irmãos sobre os assuntos que estão sendo abordados na televisão.

Os alunos avaliam que o papel da televisão na sociedade é informar, além de alertar sobre riscos e levantar assuntos que serão debatidos pela sociedade. Todos eles consideram-no um importante meio de informação, útil para mostrar o que está acontecendo no mundo. Thaísa, apesar de acreditar que o telejornal é importante para a divulgação de notícias, afirma que às vezes é um pouco sensacionalista, e dois dos jovens entrevistados (Gian e Bruna) acreditam que a TV e o telejornal influenciam as pessoas. Também consideram que o papel da TV em suas vidas é de passar informação e conhecimento, além de entreter.

A maior parte dos informantes acredita que as notícias que assistem são fonte de conhecimento para eles, afirmando que aprendem com o que assistem na televisão. Alguns dizem que a TV ensina sobre assuntos como política e economia, além de informar o que acontece no mundo e alertá-los para os perigos da sociedade. Rafael, Jaison e Jéssica acreditam que o veículo lhes passa exemplos a seguir, colaborando para que as pessoas sejam mais justas, educadas e que respeitem as diferenças umas

das outras. Alguns deles também acreditam que alguns programas de televisão complementam os estudos da escola, aprofundando os assuntos e apresentando outros que não foram abordados na sala de aula.

Quanto à atenção dispensada ao telejornal, a maioria dos alunos geralmente realiza outras atividades enquanto o assiste. Os únicos que dizem prestar atenção exclusiva na TV são Jaison, Bruna e Renata. Ana Clara, Gian e Jéssica costumam fazer as tarefas da escola enquanto assistem TV. Rafael, Thaísa e Juliana costumam fazer refeições na frente da televisão. Dener afirma que, enquanto assiste, também usa a internet e dispositivos do seu celular.

### *Percepções sobre a violência doméstica contra a mulher*

Sobre “o que é violência doméstica contra a mulher”, a maioria dos entrevistados pensa que ela engloba a violência física e moral também, que ela acontece quando a mulher sofre agressões e/ou ameaças. Ana Clara acredita que o machismo também é uma forma de violência. Já Gian diz que sabe o que é violência pelo que vê nos meios de comunicação. Renata acrescenta que “fazer com que a mulher sinta medo” é um dos fatores que se enquadra na violência de gênero.

Entre os itens relacionados para que os informantes assinalassem o que consideram violência contra a mulher, as três opções marcadas pela maioria foram “dar tapas/empurrões/apertões”, “ameaçar” e “ameaçar ou agredir com armas”, destacadas por nove adolescentes cada uma. “Xingar” foi assinalada por cinco alunos (Rafael, Bruna, Jéssica, Dener e Renata), assim como “proibir de trabalhar/sair” (Rafael, Ana Clara, Jéssica, Dener e Renata) e “negar dinheiro para necessidades” (Rafael, Thaísa, Jéssica, Dener e Renata). “Proibir de ter amigos(as)” e “quebrar objetos pertencentes a ela” foi marcada por três vezes (Rafael, Gian e Dener). “Controlar as roupas que ela usa” (Rafael e Dener) e “obrigá-la a trabalhar” (Rafael e Bruna) somente duas vezes. O único estudante que assinalou todas as opções foi Rafael, e Dener assinalou apenas uma das opções.

Oito entrevistados lembram-se de já ter assistido a alguma matéria sobre violência contra a mulher na televisão. Dener cita o caso do goleiro Bruno, do Flamengo, que é acusado de mandar matar a ex-namorada por questões ligadas à pensão do filho do casal. Já Jaison

diz que assistiu a campanhas relacionadas à violência contra a mulher na televisão e não se lembra de nenhuma reportagem. Renata conta que já assistiu a várias notícias, mas não se lembra de nenhuma específica. Bruna e Thaísa se lembram do caso ocorrido em Florianópolis que repercutiu nacionalmente, em que um homem tentou assassinar a ex-companheira no elevador e foi flagrado pela câmera de segurança. Jéssica afirma que já assistiu a várias notícias sobre o tema e citou outro caso com repercussão nacional, ocorrido em Chapecó, em maio de 2010, no qual a mulher foi vítima do marido dentro do Hospital Regional do Oeste, onde estava internada por já ter sido vítima de tentativa de homicídio por parte dele. Ana Clara, Gian e Juliana citam casos menos conhecidos, e Rafael se lembra de uma entrevista que assistiu sobre a Lei Maria da Penha.

Dener, Rafael, Thaísa e Juliana dizem já ter acompanhado a divulgação de casos de violência contra a mulher também em outros meios de comunicação. Dener leu na internet, enquanto Rafael, Thaísa e Juliana leram sobre o tema em jornais.

Revolta, medo e indignação são algumas das reações que os entrevistados dizem ter quando assistem a uma notícia relacionada ao tema. As jovens Ana Clara e Bruna se colocam no lugar das agredidas, afirmando que não deixariam isso acontecer com elas. Jéssica e Gian afirmam que essa agressão fere os direitos e a liberdade das mulheres. Jéssica ainda afirma que isso é uma herança de “antigamente”, quando era mais comum a mulher ser submissa ao homem, e que hoje isso já deveria ter mudado.

Os dez entrevistados acreditam que a violência contra a mulher é injustificável e desnecessária, além de ser uma covardia. Juliana, apesar de concordar com a opinião dos outros alunos, acha que, em alguns casos, a mulher “se aproveita da proteção da lei”.

Todos os entrevistados dizem já ter ouvido falar da Lei Maria da Penha e os dez são a favor dela. Mesmo os que não sabem exatamente suas aplicações, acham que ela é necessária, e acreditam que as mulheres agredidas deveriam buscar mais a proteção que é garantida pela lei. A única que pensa diferente é Juliana, que diz nem sempre ser a favor da lei, justamente por achar que às vezes as mulheres exageram e abusam dessa proteção.

Seis estudantes avaliam que notícias a que assistiram não influenciaram na opinião que eles têm a respeito do tema. Já Rafael, Ana Clara, Renata e Gian afirmam que foram influenciados positivamente pelas notícias e que essas podem mudar também a forma como as outras pessoas veem a violência contra a mulher.

Todos os entrevistados consideram a sociedade machista. A maioria deles afirma que apesar de terem ocorrido muitas mudanças nos últimos tempos, ainda existe muita discriminação contra a mulher, principalmente no trabalho. Eles acreditam que a velha máxima de que “lugar de mulher é em casa” ainda é válida para muita gente. Jéssica, Gian e Bruna afirmam que o machismo acontece porque os homens se sentem superiores às mulheres e por isso acham que podem mandar nelas. Jéssica complementa, opinando que os homens são machistas porque têm medo que as mulheres roubem seu lugar na sociedade. Dener afirma que o machismo se dá também de outras maneiras, por exemplo, nas relações de amizade entre meninos e meninas. Ele também pensa que a valorização da mulher varia conforme sua beleza.

Para mudar o pensamento machista da sociedade, Dener, Thaísa e Ana Clara acham que a mulher precisa ter mais atitude, buscar seus direitos e seu espaço na sociedade. Bruna acha que as pessoas deveriam se conscientizar de que os tempos mudaram e que hoje a mulher está em situação de igualdade com o homem. Renata e Juliana acreditam que a única forma de mudar o pensamento machista é por meio da informação. Mas outros dois entrevistados (Gian e Jéssica) têm uma ideia pessimista em relação ao machismo, afirmando que não há possibilidade de mudanças.

Quatro dos jovens (Dener, Juliana, Jaison e Ana Clara) acreditam que, para que não aconteçam mais casos de violência contra mulher, a lei e a justiça deveriam atuar mais eficientemente e que a pena para quem comete as agressões deveria ser mais severa. Jéssica e Rafael pensam que a mulher deveria ter mais coragem e denunciar as agressões. Eles acreditam que a vítima é a única que pode mudar a situação, por meio da denúncia. Os outros quatro entrevistados (Thaísa, Renata, Gian e Bruna) afirmam que falta informação. Eles acreditam que, mediante a divulgação de casos, da realização de campanhas de conscientização e da discussão do tema nas escolas e nos meios de comunicação, as pessoas poderiam mudar sua forma de pensar, contribuindo para a diminuição dos casos de agressão contra mulheres.

Ao serem questionadas se conhecem alguma mulher vítima de violência doméstica, seis responderam positivamente. Bruna e Renata contam que as próprias mães sofreram agressões; Ana Clara diz que a vítima que conhece também faz parte de sua família; Juliana relata que uma de suas primas foi agredida pelo ex-marido; e Dener relata um caso que acompanhou quando morava na cidade de Ribeirão Preto-SP.

## **Família e escola: ressignificando informações**

Com exceção de Renata e Bruna, os alunos têm pais casados e, com exceção de Dener, que mora com a tia, todos moram com os pais. Ao serem indagados sobre como os pais reagem diante do conhecimento de casos de violência contra mulher, a maioria dos alunos disse que a reação é a mesma que a deles: indignação e revolta. Além disso, alguns pais costumam aproveitar o momento em que discutem sobre o assunto para orientar os filhos no sentido de evitar que futuramente as meninas sejam vítimas e os garotos, agressores.

Aspecto interessante é que parte dos entrevistados (Ana Clara, Gian, Juliana e Jaison) somente iniciam discussões com seus pais sobre violência doméstica contra a mulher quando veem no *JN* alguma notícia relacionada ao assunto. Já Bruna e Renata, que moram com suas mães, afirmam que elas, por já terem sido vítimas de violência doméstica, conversam bastante com as filhas sobre isso, independente das notícias. Geralmente, as conversas acontecem com a intenção de orientá-las para que não sofram o mesmo.

A maioria dos entrevistados, mesmo os que não conversam com suas famílias sobre a temática em questão, aponta que os pais têm a mesma opinião que eles sobre o assunto, afirmando que todos em casa são contra as agressões. Os alunos afirmam que essa é uma questão cultural e que a opinião de sua família é o fator determinante da postura que eles têm em relação ao tema.

Na escola, os jovens geralmente debatem os assuntos que estão em pauta nos telejornais, principalmente nas aulas de Sociologia e Filosofia, durante os debates em sala de aula, utilizam casos vistos em matérias de TV como exemplos. Seis, entre os dez estudantes, afirmam já ter discutido sobre violência doméstica contra a mulher com os colegas e professores durante a aula. Renata destaca a iniciativa do colégio em que estudava em Florianópolis. Sobre a opinião apresentada pelos colegas durante essas discussões, os adolescentes disseram que, em geral, todos são contra a violência, concordando que não é certo agredir mulheres e acharam interessante a iniciativa de debater o assunto. Já Bruna conta que em sua turma, durante os debates, alguns colegas defendem a violência, mostrando-se machistas.

Renata, que é da religião Testemunha de Jeová, lembra que a violência contra a mulher já foi tema de discussão na igreja que costuma frequentar. Ela conta que a opinião dos presentes foi “meio dividida”, mas que todos

entraram em consenso de que não é certo agredir a mulher. Juliana, que é católica, também já conversou sobre o assunto em um espaço religioso, na catequese. O consenso foi de que nem sempre a mulher é inocente nesses casos.

## **Jornal Nacional e violência contra a mulher: conformando opiniões**

Em um segundo momento da pesquisa de campo, foram apresentados dois vídeos sobre violência doméstica contra a mulher, veiculados no *Jornal Nacional* a quatro informantes (Gian, Dener, Ana Clara e Jéssica). Após a apresentação, feita de forma individual com dois deles (Ana Clara e Jéssica) e em conjunto com outros dois (Dener e Gian), foi realizada entrevista com cada um dos alunos, que falaram a respeito dos vídeos e do telejornal.

A respeito dos vídeos apresentados, o aspecto que mais chamou atenção de dois dos entrevistados (Gian e Ana Clara) foi o fato de as mulheres não denunciarem as agressões, sofrendo a violência por parte de seus maridos por vários anos sem procurar ajuda, especialmente pelo medo de que a situação de violência piore e pela falta de confiança na proteção judicial.

Já Dener impressionou-se com a afirmação da repórter Elaine Bast de que uma das entrevistadas de sua reportagem “só teve paz quando o marido dela morreu”. O que mais chamou a atenção de Jéssica foram os números elevados de mulheres que sofrem de ansiedade e depressão pelo trauma das agressões físicas. Ela também cita que achou interessante a afirmação da defensora pública de São Paulo de que as mulheres “poliqueixosas” – vítimas de violência doméstica que procuram a rede pública de saúde por diversas vezes, com dores diversas – não revelam que sofrem agressões, e os médicos também não conseguem associar as informações.

Sobre a intenção do *JN* ao transmitir matérias sobre violência doméstica contra a mulher, os adolescentes têm opiniões semelhantes: acreditam que o telejornal pretende incentivar as denúncias, esclarecendo as mulheres que existe uma estrutura de amparo e de proteção a elas. Além disso, os entrevistados afirmam que a intenção do jornal é dar exemplos de mulheres que superaram a situação e conscientizar a população para reduzir os casos de violência contra mulheres.

*Eles passaram a notícia e a maioria das pessoas tem televisão, poucos não têm, então todo mundo vai ficar informado disso, todo mundo vai ficar sabendo da lei,*

*do que fazer, onde se comunicar, onde pode ir pra se informar. O jornal tá divulgando o que a pessoa tem que fazer se ela tá sofrendo agressões. (Jéssica)*

Jéssica e Ana Clara acreditam que a divulgação de matérias a respeito do tema no *Jornal Nacional* contribuiu para a conscientização da população, para encorajar as mulheres a procurarem ajuda e, conseqüentemente, para a diminuição dos casos de violência. Ana Clara acrescenta que acredita que colocar o assunto em pauta no telejornal também contribuiu para que os órgãos responsáveis criem soluções e condições para atender as mulheres vítimas de violência que procuram ajuda.

Dener e Gian pensam um pouco diferente. Eles acreditam que, para que a divulgação de matérias sobre o tema realmente tenha algum efeito de conscientização em quem assiste, é necessário que os telespectadores estejam dispostos a mudar seu pensamento. Dener afirma, ainda, que o pensamento machista costuma se sobressair às tentativas de conscientização. Gian complementa que a consciência deve se formar desde a infância, principalmente pelo diálogo.

De modo geral, portanto, os entrevistados acreditam que o *Jornal Nacional*, ao exibir matérias sobre a violência contra a mulher, pretende incentivar as denúncias, informando a população sobre os meios de defesa e atendimento disponíveis às vítimas. Sobre o efeito que os vídeos podem causar em quem assiste, dois alunos acreditam que eles podem contribuir para que a violência doméstica contra mulheres diminua, enquanto outros dois acreditam que só contribui se o receptor estiver disposto a aceitar a mensagem emitida pelo *JN*.

## Considerações finais

Segundo Silvia Koch Martins, o jovem necessita de “alguém para poder adorar, obedecer e copiar” (Martins, 1997, p. 32). É também por meio dessas referências que os jovens formam sua opinião sobre determinados assuntos. Mediante o presente estudo, buscou-se saber quem é ou quem são os diversos “alguéns” que colaboram – cada um à sua maneira e intensidade – na formação da opinião dos jovens pesquisados a respeito da violência contra a mulher.

Considerando que os dez entrevistados assistem o *Jornal Nacional*, sendo o único telejornal assistido por quatro dos alunos e citado inclusive como programa de TV favorito por uma das jovens, pode-se dizer que ele é um

dos principais – se não o principal – meios de informação do grupo objeto desta pesquisa. Além disso, diversas das matérias sobre o tema do qual lembram os adolescentes foram transmitidas pelo *Jornal Nacional*.

Os entrevistados reconhecem no *Jornal Nacional* uma importante ferramenta de transformação da sociedade, especialmente quando afirmam que acreditam terem sido influenciados pelas notícias que viram a respeito da violência doméstica contra a mulher, assim como ao declararem que os meios de comunicação, pela divulgação de informações, podem ajudar a mudar o pensamento machista e a evitar casos de agressão contra mulheres.

Porém, segundo as declarações dos entrevistados, infere-se que o telejornal, mais do que influenciar na visão que eles têm da violência contra a mulher, é uma “porta” para que as outras mediações, principalmente a família, exerçam sua influência. É por meio da divulgação de notícias sobre a violência doméstica contra mulher que se iniciam os debates sobre o assunto nos diversos grupos dos quais esses alunos participam.

Todos os jovens têm opinião semelhante em relação à violência contra a mulher, mostrando-se preocupados com a situação das mulheres que sofrem agressões por parte de seus companheiros e, com frequência, dizem se sentir revoltados e indignados com esse tipo de violência. Nas falas, nota-se que a maioria deles tem consciência de que a violência engloba vários tipos de agressão, porém, no questionário, sobre “o que é violência doméstica contra a mulher”, as questões relativas à violência moral e patrimonial foram as menos assinaladas, enquanto as que correspondiam a ameaças e violência física foram as mais apontadas. Os entrevistados também acreditam que a sociedade é machista e afirmam que isso é uma herança de “antigamente”, quando era mais comum a mulher ser submissa ao homem e algumas restrições de comportamento e relativas ao trabalho eram impostas a elas.

Os entrevistados também acreditam que, ao divulgar informações sobre o tema, o *Jornal Nacional* pretende informar as mulheres vítimas sobre seus direitos, sobre o que devem fazer caso sejam vítimas de violência doméstica e, principalmente, incentivar as denúncias contra os agressores. Entretanto, dois estudantes acreditam que apenas a intenção do *JN* de colaborar para a diminuição dos casos de violência não é o suficiente para que os casos de violência diminuam. É necessário também que haja consciência dos telespectadores de que é errado praticar a agressão. Segundo um deles, essa consciência é formada a partir da educação, desde a infância.

Mediante a análise das respostas, conclui-se que a principal mediação dos jovens com relação à violência

contra a mulher é a família, que avalia as situações que são transmitidas pela TV, assim como as que ocorrem entre conhecidos e até mesmo na própria família, repassando esse julgamento para os filhos.

Aspecto interessante no que diz respeito a esse repasse de opinião e julgamento é que os pais geralmente o fazem nos momentos em que o telejornal transmite matérias ou entrevistas relacionadas à violência de gênero. Basicamente, segundo os entrevistados, os pais têm dois tipos de discurso nesses momentos: um revela indignação e revolta diante das ocorrências e outro é proferido no sentido de orientar os filhos.

Segundo as jovens, seus pais costumam alertá-las para que tomem cuidado em seus relacionamentos; orientam-nas sobre como devem proceder caso algum dia sejam agredidas e, principalmente, lembram-nas do apoio familiar com o qual podem contar nesses casos. Esse comportamento de alerta se dá especialmente pelas mães de Bruna e Renata, que já sofreram agressões, mas também é comum nas outras famílias. Já os filhos do sexo masculino costumam ser orientados no sentido de não reproduzir o comportamento dos agressores, como no caso de Gian, que afirma que seus pais costumam dizer que “isso não se faz”.

Portanto, percebe-se que o principal papel do *Jornal Nacional* com relação à violência doméstica contra a mulher é suscitar as discussões em torno desse assunto nos diversos espaços e grupos aos quais os jovens pesquisados pertencem. Assunto, aliás, cuja discussão revela-se de extrema importância na sociedade atual, visto que o último levantamento realizado em Santa Catarina, em março de 2011, aponta que, no estado, uma mulher é vítima de violência doméstica a cada 46 minutos. Em Chapecó, somente na Delegacia de Proteção à Criança, Adolescente, Mulher e Idoso, até metade de abril de 2011, foram registradas mais de 600 ocorrências.

## Referências

- GOMES, I.M.M. 2004. *Efeito e recepção. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media*. Rio de Janeiro, E-papers, 258 p.
- GROHMANN, R. do N. 2009. Os Estudos de Recepção Nos Últimos Trinta Anos: revisão e perspectivas. In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, XI, Rio de Janeiro, 2009. *Anais...* 14:1-15
- HALL, S. 2003. Codificação/decodificação, In: S. HALL; L. SOVIK (Org.). *Da diáspora. Identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, p. 387-404.
- JACKS, N. 1996. Tendências latino-americanas nos estudos da recepção. *FAMECOS*, 5:44-49.
- JACKS, N. 1999. *Querência: Cultura Regional como Mediação Simbólica - um estudo de recepção*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 286 p.
- JACKS, N.; ESCOSTEGUY, A.C. 2005. *Comunicação e Recepção*. São Paulo, Hacker Editores, 126 p.
- LINS DA SILVA, C.E. 1985. *Muito além do Jardim Botânico*. 3. ed. São Paulo, Summus, 161 p.
- MARTINS, S.K. 1997. *Adolescência e recepção - A mídia em ritmo de vídeo-clip*. Porto Alegre. RS. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 210 p.
- MORLEY, D. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires, Amorrortu, 448 p.
- OROZCO, G. 1994. Recepción televisiva y mediaciones. La construcción de estrategias por la audiencia. *Cuadernos de comunicación y prácticas sociales*, 2:69-88.

Submetido: 22/11/2011

Aceito: 31/03/2012